

A SUBSTÂNCIA E SUAS ATRIBUIÇÕES NA *ETHICA* ESPINOSANA

Ethannyn Mylena Moura Lima Constantino⁹⁶

1. DEUS NA *ETHICA*

Espinoza apresentou sua concepção de Deus, de uma forma muito diferente da ortodoxia judaico-cristã, uma vez que seu Deus, podemos assim dizer, não era um ser infinito cujo o homem foi feito à sua imagem e semelhança (não necessariamente em seu físico, mas no que quer que seja: emoções, atitudes, etc.) e cujas criaturas, dependentes d’Ele, em decorrência de um motivo qualquer, o culpariam ou o enalteceriam. O Deus de Espinoza se traduz em Deus-ou-Natureza (*Deus sive Natura*), ou seja, o criador se expressa na natureza, em toda a natureza. Mais do que isso: Ele é a Natureza, identificando-se com Ela! E afirmando esse modo de ver Deus, Espinoza rompe com os preceitos e doutrinas da ortodoxia judaica de sua época, sendo, então, afetado por isso, com o famoso *hérem* aplicado pela Comunidade Judaica de Amsterdã, a *Talmud Torah*. É o desdobramento desse pensamento que vemos principalmente na *Ethica*.

Vamos agora apresentar algumas definições que se mostram necessárias para um melhor esclarecimento das questões aqui propostas, isto é, um registro das ocorrências da definição de Deus na parte I da *Ethica* de Espinoza, encontradas nas proposições anteriores à Proposição XV, para fins de ambientação e breves considerações sobre as definições relacionadas a noção de Deus, abordadas nos próximos tópicos.

A primeira ocorrência do termo “Deus” é encontrada na Definição VI, onde o filósofo apresenta sua compreensão sobre Deus:

Entendo por Deus um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância que consta de infinitos atributos, dos quais cada um exprime uma essência eterna e infinita.⁹⁷

Espinoza define Deus como o infinito absoluto, cuidando para diferenciar o infinito absoluto do mero infinito. Ao estabelecer o fato de que Deus é absoluto, Espinoza também estabelece que Deus deve incluir tudo dentro de si, pois o infinito absoluto não permite que haja algo que lhe exceda por sua própria natureza. Como veremos mais tarde,

⁹⁶ Aluna do mestrado em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

⁹⁷ Espinoza, 2014, p. 13.

Espinosa mantém-se coerente com essa premissa, ao definir que tudo aquilo que existe, o faz em Deus.

No Escólio 2 da Proposição VIII e na proposição XI, respectivamente, Espinosa diz:

Aqueles, pois, que ignoram as verdadeiras causas das coisas, confundem tudo e, sem qualquer escrúpulo, inventam que as árvores, tal como os homens, também falam; que os homens provêm também das pedras e não apenas do sêmen; e que qualquer forma pode se transformar em qualquer outra. Igualmente, aqueles que confundem a natureza divina com a humana, facilmente atribuem a Deus afetos humanos, sobretudo à medida que também ignoram de que maneira os afetos são produzidos na mente. Se, entretanto, prestassem atenção à natureza da substância, não teriam a mínima dúvida sobre a verdade da prop. 7 (que afirma que *à natureza de uma substância pertence o existir*).⁹⁸

Deus, ou seja, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente.⁹⁹

Entendendo-se que, como exposto na proposição XI (acima referida), o existir pertence à natureza da substância, ou seja, que, nesse caso, a essência e a existência são de mesma natureza, e entendendo-se que Deus é, para Espinosa, uma substância absolutamente infinita nos termos da definição VI (*entendo por Deus um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância que consta de infinitos atributos, dos quais cada um exprime uma essência eterna e infinita*), pode-se dizer daí que todos os atributos da Natureza existem em Deus, infinitamente e eternamente. Isso ocorre porque Deus é a única substância, origem de todas as coisas, e, portanto contém em si a potência para tudo aquilo que existe e que pode existir, sendo, pois, necessário para que qualquer coisa possa existir. Porém, como veremos adiante na proposição XV, tudo que existe, existe nEle, todo o restante sendo apenas coisas que não são verdadeiramente substâncias, ou seja, não existem por si só, devendo existir em Deus.

Na proposição XIV temos:

Além de Deus, não pode existir nem ser concebida nenhuma substância.¹⁰⁰

A substância (do latim, *substantia*, que pode ser traduzido livremente como “o que está sob”) a que Espinosa se refere é a fonte última da realidade, a verdadeira causa das coisas, nos termos do Escólio 2 da Proposição VIII. Deus seria, portanto, segundo Espinosa, a causa e fonte última de tudo aquilo que existe na Natureza. Porém, ele se

⁹⁸ Idem, op. cit. p. 29.

⁹⁹ Idem, op.cit. p. 30.

¹⁰⁰ Idem, op. cit. p. 22.

afasta do entendimento do monoteísmo clássico ao afirmar que não apenas Deus é a causa última de tudo, mas também que, como veremos na proposição XV, tudo que existe, existe EM Deus, e não apenas *por* Ele.

E por fim, a Proposição XV:

Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido.¹⁰¹

Na demonstração dessa proposição, Espinosa recorre à proposição XIV (*além de Deus, não pode existir nem ser concebida nenhuma substância*) e a Definição 3, que diz:

Por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e o que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado.¹⁰²

Espinosa diz que a existência dos modos (Definição 5: “por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido”¹⁰³) ou sua concepção, também não são possíveis sem o elemento substância. Ainda diz ele pelo Axioma 1 “tudo que existe, existe ou em si mesmo ou em outra coisa”¹⁰⁴ que “além das substâncias e dos modos, não existe nada. Logo, sem Deus, nada pode existir nem ser concebido”¹⁰⁵ Deus para Espinosa se traduz então em substância.

Assim, sabemos que Espinosa ficou amplamente conhecido pela expressão *Deus sive Natura* (daí que sua filosofia tenha ficado conhecida entre outras coisas como panteísta e também ateuísta) e que o panteísmo identifica Deus como sendo a Natura ou a Natureza sendo Deus, além de que, para Espinosa na proposição XV “tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido” e que ele entende pela definição de Deus (definição VI) “um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância que consta de infinitos atributos, dos quais cada um exprime uma essência eterna e infinita”. Diante disso, daremos prosseguimento à apresentação desses termos-chave ligados a Deus dentro da *Ethica*.

¹⁰¹ Idem, op. cit. p. 23.

¹⁰² Idem, op. cit. p. 13.

¹⁰³ Espinosa, 2014, p. 13.

¹⁰⁴ Idem, p. 15.

¹⁰⁵ Idem, p. 31.

2. DOS CONCEITOS

2.1. A SUBSTÂNCIA

Tratando daqui adiante mais precisamente da Substância, podemos ver que na citação acima Espinosa nos define a Substância, ou seja, *aquilo que existe por si mesmo e por si mesmo é concebido* (Definição 3 da *Ethica*, Parte I) No *Diccionario de Filosofia José Ferrater Mora* (1964), lemos que:

El vocablo latino substantia (= "substancia") corresponde al verbo substō (infinitivo, substare) y significa literalmente "la estancia debajo de" en el sentido de "el estar debajo de" y de "lo que está debajo de". Se supone que la substancia está debajo de cualidades o accidentes, sirviéndoles de soporte, de modo que las cualidades o accidentes pueden cambiar en tanto que la substancia permanece — un cambio de cualidades o accidentes no equivale necesariamente a que la substancia pase a ser otra, mientras que un cambio de substancia es un cambio a otra substancia.¹⁰⁶

Etimologicamente, de acordo com a história da Filosofia e seguindo a definição que nos é apresentada no *Diccionario de Filosofia Ferrater Mora* (1964), já aponta para definição dada por Espinosa em sua *Ethica*, a saber, a substância é uma só e única coisa, não podendo ser mais de uma, ou seja, não podendo existir outras de mesma essência, ela é unicamente uma só e idêntica a si mesma.

Segundo a definição de Espinosa, a substância existe em si mesma e por si mesma é concebida. A substância não exige o conceito de outra coisa para ser concebida ou ter sua ideia formada. Ela é por si mesma. Tudo que existe, para o filósofo, existe em si mesmo ou em outra coisa, e nesse caso, a substância existe em si mesma, pois ela não pode ser concebida por meio de outra coisa, uma vez que ela é concebida por meio de si mesma. A substância é única e necessariamente infinita. Uma vez que ela é única e infinita por necessidade e nunca por contingência, à sua natureza pertence o existir, pois é única, e não pode ser produzida por outra coisa (Proposições 7, 8/Escólio 1 e 2). Espinosa nos diz que a substância não pode ser finita, porque ela seria limitada por outra, detentora da mesma natureza. Nessa hipótese, existiriam, por assim dizer, duas substâncias com o mesmo atributo (atributo: aquilo que constitui a essência da substância), e seria absurdo existir uma substância dessa maneira, limitada por outra mas de atributo igual à outra. Ademais, uma vez que a substância envolve essência e existência, ela é, assim, necessariamente infinita. “É necessário, pois, reconhecer que a existência de uma

¹⁰⁶ Mora, 1964, pg. 734, 5ª edição espanhola. O vocábulo latino *substantia* significa “estar debaixo de” e “o que está a debaixo de”. Supõe-se que a substância está debaixo de qualidades ou acidentes, servindo-lhes de suporte, de modo que as qualidades ou acidentes podem mudar, ao passo que a substância permanece uma mudança de qualidades ou acidentes não equivale necessariamente a que a substância passe a ser outra, ao passo que uma mudança de substância é uma mudança para outra substância. (tradução livre)

substância, assim como a sua essência, é uma verdade eterna”¹⁰⁷ (Escólio 2 da Proposição 8), ou seja, provêm de uma ideia clara e distinta.

No Escólio 2 da Proposição 8 em sua *Ethica*, Espinosa mostra que para não confundir a definição de substância, é preciso saber que:

A definição verdadeira de uma coisa não envolve nem exprime nada além da natureza da coisa definida. Disso se segue que: 2. Nenhuma definição envolve ou exprime um número preciso de indivíduos, pois ela não exprime nada mais do que a natureza da coisa definida.¹⁰⁸

Segundo Deleuze, a “definição é o enunciado da marca distintiva de uma coisa considerada em si mesma (e não em relação a outras coisas)¹⁰⁹” No *Tratado da Correção do Intelecto*, Espinosa fala das definições nominais e das definições reais: as primeiras são as de procedência abstrata, aquelas em que usamos o gênero e a diferença específica para definir as coisas; já as definições reais são genéticas (pois, como também explica Deleuze, elas dizem sobre a causa das coisas). Espinosa mostra um exemplo de definição nominal na *Ethica*, Parte III, quando define desejo: “apetite que tem consciência de si mesmo”, que se torna uma definição real se junta a ela “a causa dessa consciência”¹¹⁰. É dessa introdução da causa do definido no interior da definição que decorre o já comentado caráter genético da definição. Dito isto então, já fica sabido que a definição de substância envolve sua natureza e somente a sua natureza; em outras palavras, ela é concebida por si, tornando, assim, impossível uma substância ser plural e que essa pluralidade tenha os mesmos atributos, a mesma constituição essencial.

Espinosa segue e, com a Proposição 11 na *Ethica*, Parte I, diz que: “Deus, ou seja, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente”¹¹¹. O filósofo demonstra esta proposição afirmando que, se negarmos esse enunciado, estaremos negando a existência de Deus, pois, se Deus não existe, significa que sua existência não é envolvida por sua essência, e como isso é um absurdo para Espinosa, Deus existe necessariamente e é uma substância com todos seus atributos infinitos. Ele diz ainda que, poder existir é potência, ao passo que não poder existir é impotência; Deus é potência, diz Espinosa: “quanto mais realidade

¹⁰⁷ Idem. op. cit. P. 16. Escólio 2.

¹⁰⁸ Espinosa, 2014, p. 26. Escólio 2 da Proposição 8.

¹⁰⁹ Deleuze, 2002, p. 67.

¹¹⁰ Idem. Op. cit. p. 68).

¹¹¹ Espinosa, 2014, p. 19-22.

a natureza de uma coisa possuir, tanto mais ela terá forças para existir por si mesma”¹¹². Deus existe como um ente infinito, pois o que existe apenas agora, neste momento, é finito, e sendo finito, provém de outra coisa, porque existimos ou por nós ou por uma causa externa a nós, que por sua vez, em última instância, existe necessariamente; assim, há de ser necessária a existência de um ente infinito, ou seja, Deus existe necessariamente.

Deus é *causa sui*, ou seja, causa de si mesmo e isso significa dizer que a essência e a existência estão contidas na definição de substância e, por consequência, de Deus, do mesmo modo. Sendo assim, as coisas produzidas por Deus não podem envolver a sua existência, pois só Deus é que contém essas duas características fundamentais; então, as coisas dependem de Deus para serem, ou seja, Deus é causa de ser das coisas e também é causa de continuidade do ser das coisas; assim, a essência de uma coisa produzida por Deus não contém a existência de Deus, mas é dependente da existência de Deus para vir a ser, pois, como diz Espinosa, “(...) não é sua essência que pode ser a causa de sua existência, nem de sua duração, mas apenas Deus, cuja natureza é a única à qual pertence o existir (...)” (Corolário da Proposição 24, ou seja, “A essência das coisas produzidas por Deus não envolve a existência”). Os atributos de Deus exprimem uma essência eterna e infinita (Proposição 11) e sobre esse conceito de expressão nós retornaremos adiante. Em suma, a substância se identifica com a Natureza e constitui sua causa imanente, como se vê na proposição 18, da *Ethica*:

Deus é causa imanente, mas não transitiva, de todas as coisas. Tudo o que existe, existe em Deus, e por meio de Deus deve ser concebido (pela prop. 15); portanto (pelo corol. 1 da prop. 16), Deus é causa das coisas que nele existem, que era o primeiro ponto. Ademais, além de Deus, não pode existir nenhuma substância (pela prop. 14), isto é, (pela def. 3), nenhuma coisa, além de Deus, existe em si mesma, que era o segundo ponto. Logo, Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas.¹¹³

Espinosa, na *Carta 12* (de 20 de abril de 1663), dirigida a Lodewijk Meyer¹¹⁴, carta na qual ficou conhecida como a “Carta Sobre o Infinito”, fala da Substância, do Modo, da Eternidade e Duração. No tocante à substância, Espinosa diz algo que já comentamos anteriormente, ou seja, “(...) que a existência pertence à sua essência, quer dizer, que ela existe só por sua essência e definição (...)”¹¹⁵. E nesse sentido, o filósofo

¹¹² Idem. Escólio.

¹¹³ Espinosa, 2010, p. 29.

¹¹⁴ Médico, poeta, primeiro dirigente do primeiro teatro de Amsterdã e defensor da ideia que os textos bíblicos só deveriam ser interpretados com critérios filosóficos, devido às ambiguidades e obscuridades características de tais textos.

¹¹⁵ Espinosa, 2014, p.79. Carta 12.

aplica em medida o emprego e relação dos conceitos de Eternidade e Duração quando relacionados com os Modos e a Substância, isto é:

(...) sob o conceito de Duração só podemos conceber a existência dos modos; ao passo que a da Substância é concebida como Eternidade, quer dizer, como uma fruição infinita da existência ou do ser.¹¹⁶

2.2. EXPRESSÃO

Por Deus entendo o ser absolutamente infinito, isto é, a substância constante de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita.¹¹⁷

Nesse enunciado da *Ethica*, sendo o primeiro que menciona o termo *expressão*, já podemos identificar a aparição de alguns dos conceitos fundamentais no desenvolvimento da filosofia de Espinosa, a saber, *substância*, *atributo* e a própria *expressão*. Trataremos agora, de início, do conceito expressão e, no decorrer do texto, nos tópicos posteriores, dos demais conceitos norteadores que agregam significado nesta e em demais afirmações de Espinosa em sua obra.

Logo em seguida à Definição, temos a ocorrência do conceito de *expressão* na Proposição 11, que diz,

Deus, ou seja, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente.¹¹⁸

Etimologicamente o termo “expressão” tem sua origem no latim *expressio*, sendo também encontrado com o mesmo significado correspondente, em várias outras línguas. De acordo com o *Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano* (2007), o termo expressão encontra seu significado na “manifestação por meio de símbolos ou comportamentos simbólicos”¹¹⁹. Não é exatamente este o sentido de expressão usado por Espinosa, mas algo de seu uso próprio por nosso filósofo já pode ser pressentido: uma manifestação que conserva em si algo do que ela manifesta. O registro conta o século XVII como marco da inserção desse conceito no campo da filosofia. Tal inserção se deu como tentativa de

¹¹⁶ Espinosa. op.cit. p.79.

¹¹⁷ Espinosa, 2014, p. 13

¹¹⁸ Espinosa, 2014, p. 19.

¹¹⁹ Abbagnano, 2007, p. 429.

substituir o termo “aparência”, indicando assim “a relação entre Deus e o mundo, graças à qual o mundo é “manifestação” de Deus”¹²⁰ .

Leibniz (1646-1716), contemporâneo de Espinosa (1632-1676), diria que a “mônada” (substância simples, unidade primordial que Leibniz atribui ao ser da mônada) seria a expressão ou manifestação de Deus.

Toda substância é como um mundo completo e como um espelho de Deus, ou melhor, de todo o universo, expresso por cada uma à sua maneira, pouco mais ou menos como uma mesma cidade é representada diversamente conforme as diferentes situações daquele que a olha.¹²¹

Uma mônada (do grego *monas*, unidade) é uma unidade por si mesma, analisável em princípio ativo denominado alma, forma substancial ou enteléquia e em um princípio passivo dito massa ou matéria primeira. A mônada encerra um tipo de percepção e de apetição. É uma substância simples, sem partes. Toda mônada é um espelho vivo do universo, a partir de seu ponto de vista. Já que tudo que existe é uma mônada, um composto de mônadas, estas são átomos substanciais.¹²²

Semelhantemente, para Espinosa, a substância (que é espiritual e material, pois tem como Atributos o pensamento e a Extensão) seria, por assim dizer, uma manifestação intrínseca de Deus, que, por sua vez, se manifesta na natureza, que é Seu efeito imanente. Todavia, Espinosa, diferentemente de Leibniz, que considera a existência de várias substâncias simples sendo estas derivadas de uma mônada primeira, considera, por sua vez, a substância como algo único e autossuficiente. Ademais, a substância espinosana não deriva de substâncias simples, ela é única, só existe uma única substância verdadeira, não sendo possível a existência de diversas substâncias independentes, nem constituintes nem derivadas de uma substância primeira. Afora a substância, há apenas seus modos (seus feitos imanentes) subordinados ao seus Atributos essenciais (modos do Pensamento e modos da Extensão), que são Suas expressões.

Em Deleuze (1975) lemos que

*La originalidad del concepto de expresión se manifiesta aquí: la esencia, en cuanto existe, no existe fuera del atributo que la expresa; pero, en cuanto es esencia no se refiere sino a la substancia. Una esencia de la substancia misma. Las esencias infinitas se distinguen en los atributos en que existen, pero se identifican en la substancia [única] a la que se refieren. Reencontraremos siempre la necesidad de distinguir tres términos: la substancia que se expresa, el atributo que la expresa, la esencia que es expresada.*¹²³

¹²⁰ Idem, p. 429.

¹²¹ Leibniz, 1983b, p.125

¹²² Leibniz, Monadologia, 1-21 in www.leibnizbrasil.pro.br/leibniz-glossario.htm, Acesso em 18/01/15).

¹²³ Deleuze, 1975, p. 23. A originalidade do conceito de expressão manifesta-se aqui: a essência, assim que existe, não existe fora do atributo que a expressa; mas, assim que é essência não se refere senão à substância. Uma essência da substância mesma. As essências infinitas distinguem-se nos atributos em existem, mas

O conceito de expressão se representa numa tríade: a substância, os atributos e a essência. Na interpretação de Deleuze, a substância se expressa por si, os atributos são expressões da substância e a essência é expressa através da substância. Esta então consiste na tríade primordial da substância. Deleuze (1975), num estudo formal que fez da *Ethica*, apresentado no Apêndice de sua obra “Espinosa e o problema da expressão” (1975), mostra que na Parte I da *Ethica* há ainda mais outras tríades; elas consistem na divisão básica que ele fez das proposições presentes na *Ethica* e encontram-se expostas em um quadro com três colunas; as colunas onde estão as tríades são nomeadas de “*Concepto expresivo correspondiente*”, que está logo após as colunas do “Tema” e da “*Consecuencia*”. Nesse caso, o “conceito expressivo correspondente” das proposições que vão dos números 9 ao 14, consistem na “*Segunda tríada de la substancia: perfecto, infinito absoluto*”¹²⁴ e a “*Terceira tríada de la substancia: la esencia como potencia, aquello de lo que es esencia, el poder de ser afectado (por modos)*”¹²⁵ que corresponde à coluna tema das proposições 15 a 36 da *Ethica*.

A parte da obra que compõe a segunda tríade, segundo a divisão de Deleuze, é a que nos mostra que a definição de Deus é igualada ou traduzida na substância absolutamente infinita: “*Solamente allí es alcanzada la idea de Dios como la de una substancia absolutamente infinita; y se demuestran que la definición 6 es real*”¹²⁶, qual seja a definição 6 no livro da *Ethica*, “por Deus entendo o ser absolutamente infinito, isto é, a substância constante de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”.

É na primeira parte da *Ethica* que está plantada toda ideia que remete, explica e significa a *expressão* em Espinosa. Deleuze (1975) nos diz que o termo *expressar* apresenta sinônimos no *Breve Tratado* de Espinosa, onde é usado o termo da versão holandesa da obra *uytdrukken-uytbeelden*, que se traduz em expressar; porém também se usa o verbo *vertoon* (que significa manifestar e demonstrar, ao mesmo tempo). A substância se expressa e se manifesta através de seus atributos; nesse sentido, podemos dizer que há várias interpretações a respeito da *expressão* da substância no mundo ou na

identificam-se na substância à que se referem. Reencontraremos sempre a necessidade de distinguir três termos: a substância que se expressa, o atributo que a expressa, a essência que é expressar. (tradução livre)

¹²⁴ Idem. Segunda tríade da substância: perfeito, infinito absoluto. (tradução livre)

¹²⁵ Idem. Terceira tríade da substância: a essência como potência, aquilo do que é a essência, o poder de ser afetado (pelos modos). (tradução livre)

¹²⁶ Idem. Somente ali é alcançada a ideia de Deus como a de uma substância absolutamente infinita, e se demonstra que a definição 6 é real. (tradução livre)

natureza. Uma possível interpretação seria a de que os atributos se apresentam diferentemente, conforme os eventos da natureza; outra, seria a de emanção, que seria como se a substância se exteriorizasse e assumisse diferentes formas e contornos na natureza sem, entretanto, deixar de ser ela mesma. No entanto, a posição interpretativa clássica seria *Deus sive Natura*, ao que podemos dizer que Deus é a Natureza em que se expressa, sem exteriorização, numa causalidade imanente: Deus simultaneamente explica e engloba a Natureza em toda sua plenitude. Essa diferenciação interna no *Deus sive Natura*, que não quebra a unidade e unicidade da substância, nem tampouco opõe Deus criador, de um lado, e a Natura, como criatura, de outro, se encontra na dupla qualificação da própria Natureza: *Natureza Naturante* (Deus e Seus Atributos essenciais constitutivos) e *Natureza Naturada* (os modos em que Deus se exprime através dos Atributos). Isso se pode compreender melhor com a seguinte frase de Deleuze: “*Díos se expresa constituyendo por sí la naturaleza naturante, antes de expresarse produciendo en si la naturaleza naturada*”¹²⁷, isto é, em Espinosa, no Escólio da Proposição 29 da parte I da *Ethica*, a *natureza naturante* é o que é em si e em si mesmo é concebido, “aqueles atributos da substância que expressam uma essência eterna e infinita, isto é, Deus, enquanto considerado como causa livre”¹²⁸. Já a *natureza naturada* é tudo que depende da necessidade de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, “todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que existem em Deus, e que, sem Deus, não podem existir nem ser concebidas”¹²⁹. Então, como nos disse Deleuze, Deus se expressa produzindo as coisas que dependem dEle, mas antes disso, Ele se expressa constituindo a si mesmo.

*Puesto que nada puede ser ni ser concebido sin Dios, es cierto que todos los seres de la naturaleza engloban y expresan el concepto de Dios, en proporción a su esencia y a su perfección; es cierto, pues, que, mientras más cosas de la naturaleza conocemos, mayor y más perfecto es el conocimiento de Dios que adquirimos.*¹³⁰

Dessa forma, segundo Espinosa, Deus se expressa na natureza, e é através do

¹²⁷ Idem. p. 10. Deus se expressa constituindo por si a natureza naturante, antes de se expressar produzindo em si a natureza naturada. (tradução livre)

¹²⁸ Espinosa, 2014, p. 35.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Espinosa TTP, cap. 4 (II, p. 136) in Deleuze, 1975, pg. 11. Já que nada pode ser nem ser concebido sem Deus, é verdadeiro que todos os seres da natureza englobam e expressam o conceito de Deus, em proporção a sua essência e a sua perfeição; é verdadeiro, pois, que, quanto mais coisas da natureza conhecemos, maior e mais perfeito é o conhecimento de Deus que adquirimos. (tradução livre)

conhecimento da natureza que conhecemos, sem perda de continuidade, a natureza de Deus, sendo então todos os componentes da natureza, uma expressão de Deus.

2.3. OS MODOS

Por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido.¹³¹

Os modos são as expressões finitas de Deus, que expressa sua potência infinita através de Seus atributos divinos: a Extensão e o Pensamento. Um corpo é um modo finito, produzido pela potência de Deus através do Atributo Extensão. Uma ideia é um modo finito, produzido pela potência de Deus através do Pensamento. Os modos são partes da substância, derivam da natureza divina, de Deus, e sem ela não são passíveis de existência. O conceito de um modo se forma através de do conceito de outra coisa diferente dele (a saber, do conceito de substância); por isso mesmo, o modo não subsiste por si mesmo, mas também possui sua particularidade, ou seja, o modo é “aquilo que existe em outra coisa e cujo conceito é formado por meio do conceito da coisa na qual existe”. (*Ethica* I, Prop. 8, Esc. 2) São as afecções - como diz Espinosa na definição do termo - que podemos dizer também que são as “impressões” ou modificações internas da substância.

Mas nem todo *modo* é uma coisa finita, como um corpo individual ou uma ideia singular. *Deleuze* (2002) nos fala de dois outros tipos de modos, além dos finitos: o *modo infinito mediato* e o *modo infinito imediato*. O modo infinito imediato seria o “entendimento infinito para o pensamento, repouso e movimento, para a extensão”. E o modo infinito mediato seria,

Para a extensão a *facies totius universi*, isto é, o conjunto de todas as relações de movimento e repouso que regulam desta vez as, determinações dos modos, como existentes, e sem dúvida, para o pensamento, as relações ideias que regulam as determinações das ideias como ideias de modos existentes (Deleuze, 2002, p. 93).

Espinosa, na *Carta 12*, escrita a Lodewijk Meyer, diz que os modos não podem ser concebidos como existentes, caso não procedam da substância, pois o caráter existencial só é devido à natureza da substância, e não se pode partir do pressuposto de que, uma que vez que existem, eles sempre existirão (não ao menos sem referência à

¹³¹ Espinosa, 2014, p.13.

substância). Os modos infinitos são, na verdade, co-eternos com a Substância, mas, sem referência a ela, sua eternidade não se sustentaria, pois não são eternos por si mesmos e sim por serem manifestações — imediatas ou imediatamente derivadas das imediatas — da própria substância.

Chamo modos, por outro lado, as afecções de uma Substância, e sua definição, não sendo aquela de uma substância, não pode envolver a existência. Eis por que, embora os Modos existam, podemos concebê-los como não existentes; de onde se segue que, se considerarmos apenas a essência dos modos, e não a ordem de toda a natureza, não podemos concluir, pelo fato de existirem presentemente, que existirão na sequência ou que não existirão, que tenham ou não existido anteriormente. Por isso se vê claramente que concebemos a existência dos Modos como inteiramente diferente da existência da Substância.¹³²

Assim, o modo é uma maneira de ser da substância. A maneira de ser dos entes particulares, que povoam nossa vida quotidiana, é que corresponde aos modos; nós, homens, mulheres, animais, plantas, pedras, etc., é que somos os modos da substância.¹³³

2.4. ATRIBUTOS

Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência.¹³⁴

O atributo em Espinosa constitui a essência da substância, ou seja, o intelecto percebe o que constitui a essência dela. Os atributos exprimem a essência da substância e cada atributo é concebido por si mesmo, ou seja, um atributo é independente de outro, mas disso não podemos derivar que eles tenham sido produzidos por substâncias diferentes nem um pelo outro. Eles, mesmo que distintos, são atributos de uma mesma e única substância, pois, como nos diz Espinosa no Escólio da Proposição 10 da parte I da *Ethica*,

é da natureza da substância que cada um de seus atributos seja concebido por si mesmo, já que todos os atributos que ela tem sempre existiram, simultaneamente, nela, e nenhum pôde ter sido produzido por outro, mas cada um deles exprime a realidade, ou seja, o ser da substância.¹³⁵

Os atributos são infinitos, pois fazem parte da substância, que por necessidade é infinita.

¹³² Carta 12, 2014, p. 78.

¹³³ Deleuze, 2006, p.45S. Trecho do livro *Em Medio de Spinoza* in Espinosa, 2014, p. 379.

¹³⁴ Espinosa, 2014, p. 13.

¹³⁵ Idem, p. 18.

Cada atributo “exprime” certa essência (I. 10, esc. 1). Se o atributo se refere necessariamente ao entendimento [i.e. intelecto], não é porque reside neste, mas porque é expressivo e aquilo que exprime implica necessariamente um entendimento que o “percebe”. A essência expressa é uma qualidade ilimitada, infinita. O atributo expressivo relaciona o atributo à substância e é essa relação imanente que o entendimento capta. Todas as essências, distintas nos atributos, formam uma unidade na substância a que os atributos as referem.¹³⁶

Se Deus é identificado com a substância, e a substância tem seus atributos, podemos fazer uma interpretação de que esses atributos fazem parte do plano real, isto é, são atributos reais de Deus. Essa realidade dos atributos, de certo modo, pode ser associada com a manifestação concomitante da consciência, melhor dizendo, uma realidade que é dependente da consciência. Como há discussões em várias direções sobre aquilo a que Espinosa estaria querendo identificar os atributos — um idealismo? um realismo? — induzindo a que se caia em um necessário dogmatismo ou não, esse realismo pode também, necessariamente, ser visto associado com uma consciência independente da realidade, sem cair em dogmatismo.

(...) Deleuze estabelece uma correlação entre atributo e nome, essência e sentido, substância e objeto designado. “Cada atributo é um nome ou uma expressão distinta; o que ele expressa é como que seu sentido; mas, se é verdade que o expresso não existe fora do atributo, também é verdade que ele se refere à substância como ao objeto designado por todos os atributos; assim, todos os sentidos expressos formam o ‘exprimível’ ou a essência da substância e dir-se-á, por sua vez, que esta se expressa nos atributos”.¹³⁷

Os atributos da substância exprimem em formas a essência e a existência da substância, isto é, o atributo é a expressão da substância, que nosso intelecto capta como sendo a parte existente e necessária dela. O atributo se expressa por intermédio da substância, uma vez que ele é parte dela, e sem ele não conseguimos entender a substância, em sua plenitude. Como podemos ver numa análise mais antropológica de Espinosa, que põe o homem, como a expressão de dois atributos da substância: o pensamento que é o intelecto humano, e a extensão que é representada pelo corpo do homem.

(...) chamar uma coisa de “quadrado” é dizer que ela é extensa (...); chamar uma coisa de “medrosa” é dizer que ela é pensante (...), mas chamar uma coisa de “extensa” ou “pensante” não é atribuir a ela alguma espécie de um gênero ainda mais amplo; não há gêneros mais amplos.¹³⁸

Apesar de Espinosa e também Descartes se valerem desses dois exemplos de

¹³⁶ Deleuze, 2010, p. 58.

¹³⁷ Machado, 2009, p. 61, cita Deleuze, 2010, p. 56.

¹³⁸ Bennett, 2011, p. 117.

atributos, a saber, pensamento e extensão, há aqui um dos principais pontos que diferenciam Descartes de Espinosa, qual seja: Descartes chama o intelecto do homem de *res cogitans* (coisa pensante) e, em relação a corpo, Descartes o chama de *res extensa* (coisa extensa). Para Espinosa, esses dois âmbitos são parte da substância, ou seja, são seus atributos; já para Descartes os dois são substâncias; sendo assim, para Descartes existem três substâncias, Deus, *res cogitans* e *res extensa*, e em Espinosa todas são apenas parte de uma única substância. Veja-se, a propósito, o seguinte texto de Descartes:

E, certamente, é a partir de um atributo, não importa qual, que uma substância é conhecida, mas é uma só, no entanto, a propriedade principal de cada substância, a qual constitui a natureza e a essência da mesma e à qual todas as outras são referidas. A saber, a extensão em comprimento, largura e profundidade constitui a natureza da substância corpórea, e o pensamento constitui a natureza da substância pensante. Pois tudo o mais que pode ser atribuído ao corpo pressupõe a extensão e é apenas um certo modo da coisa extensa; assim como todas as coisas que encontramos na mente são apenas diversos modos de pensar.¹³⁹

Com base no trecho acima, podemos ver que, em Descartes, a natureza da substância é conhecida através do atributo, ou seja, o que identifica uma substância é um atributo, não importando qual seja ele; no entanto, nos mostra Descartes, a propriedade principal é a extensão, em sua largura, comprimento e profundidade, isso é o que constitui a natureza da substância corpórea, e por sua vez, a substância pensante é constituída de pensamento, ou seja, diferentes maneiras de pensar estão englobadas na mente.

Já em Espinosa, atributo é o que o intelecto percebe de uma só e mesma substância. Dos infinitos atributos que estão na substância, somente o pensamento e a extensão são dados ao entendimento e conhecimento humano. Para melhor entendermos e termos uma noção razoável da definição de atributo apresentada por Espinosa, citamos Jonathan Bennett (2011) estudioso de Espinosa, que diz:

Então, o que a definição de “atributo” faz é nos permitir tratar os atributos como se fossem básicos da mesma maneira em que se diz que as “essências ou naturezas” cartesianas são básicas, ao mesmo tempo em que inclui uma pista (“o que o intelecto percebe...”) daquilo que torna esse procedimento seguro é uma limitação daquilo que o intelecto pode fazer, em vez de um fato acerca de como as coisas ficam no restante da realidade.¹⁴⁰

Os atributos são características básicas da substância, ou seja, eles são parte dela e são expressões da mesma também. No trecho abaixo, Espinosa em uma de suas Cartas endereçadas a Simon De Vris, ilustra o atributo com o exemplo dos nomes próprios, que

¹³⁹ Descartes 1985: I, 53; PPI: LIII in Bennett, 2011, p. 118.

¹⁴⁰ Bennett, 2011, p. 119.

no caso citado se tratam de Jacó, seu irmão Esaú e Israel, sendo este último o patriarca Jacó. Jacó tem esse nome, porque ele nasceu agarrado ao calcanhar de seu irmão gêmeo e ganhou o nome de Israel depois que teve uma luta com Deus, segundo contam os relatos bíblicos. Em suma, Espinosa usa essa ilustração para mostrar que os nomes próprios são atributos nos quais representam um determinado sentido de referência.

E quando Espinosa quer ilustrar o que ele entende pessoalmente por atributo, lhe vem ao espírito o exemplo dos nomes próprios: “Entendo que Israel é o terceiro patriarca, e Jacó é o mesmo personagem a quem foi dado esse nome porque ele pegou o calcanhar do irmão”¹⁴¹

Na *Carta 9*, escrita a Simon de Vris, Espinosa diz que quanto mais atributos um ser possui, mais é obrigado a lhe conceder existência:

(...) Se há qualquer coisa de evidente para nós é que todo ser é concebido por nós sob algum atributo, e quanto mais realidade ou ser ele contém, mais é preciso reconhecer-lhe os atributos. (...) quanto mais concebo ou admito atributos em um ser, mais sou obrigado a conceder-lhe existência, quer dizer, a concebê-lo como verdade.¹⁴²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já vimos, a Substância é o foco principal na filosofia de Espinosa. Somente ela tem atributos e nada fora dela tem atributos, ou seja, somente *Deus sive Natura* possui atributos. Ainda, há uma riqueza de conceitos estruturados na *Ethica* de Espinosa, entre eles os conceitos que foram expostos no presente texto são chave fundamental para compreensão quanto à interpretação de Deus no mundo e na natureza por Espinosa, a saber, Substância, Modo, Expressão e Atributos. Segue-se que por meio das observações feitas pela demonstração dos conceitos tornou-se possível obter uma melhor compreensão de dos mesmos conforme apresentados na *Ethica*, pelo que Espinosa disse: “as demonstrações são os olhos da mente; por elas a mente vê e observa as coisas”¹⁴³. Sem as demonstrações conceituais apresentadas as coisas de que trata o autor continuariam invisíveis.

Esses objetos invisíveis são os atributos de Deus (pensamento, extensão e uma infinidade de outros que não podemos ver); a demonstração é o meio de fazê-los aparecer e conhecer esses atributos — o que um intelecto percebe de Deus como constituindo sua essência¹⁴⁴

¹⁴¹ *Carta 9* para *De Vris*, III, p. 33.

¹⁴² *Idem*. p. 33-34.

¹⁴³ *Ética*, V, Proposição XXIII, Escólio.

¹⁴⁴ Escala, 2003, p. 98.

Assim, foram desenvolvidos e demonstrados alguns dos principais conceitos filosóficos de Espinosa, que apresentam-se pelo estudo dos atributos, modos e expressões de Deus, de modo a tornar-se viável a compreensão da noção de Deus para o autor.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. **Spinoza y el Problema de la Expresión**. Traducción castellana para España y América: Muchnik Editores de Idiomas Vivientes, S. A., Barcelona, 1975.
- GARRET (org.), Don. **Spinoza**. Tradução Cassiano Terra Rodrigues. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011. (Companions & Companions).
- SCALA, André. **Espinosa**. Tradução Tessa Moura Lacerda. – São Paulo: Estação Liberdade, 2003. (Figuras do Saber; 5).
- SPINOZA, B. **Spinoza: obra completa I: (Breve) tratado e outros escritos**/organização J. Guinsburg, Newton Cunha, Roberto Romano. – 1. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2014.
- _____. Spinoza, B. **Spinoza: obra completa II: correspondência completa e vida**/organização J. Guinsburg, Newton Cunha, Roberto Romano. – 1. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2014.
- _____. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. – 2. Ed., 3. Reimp. – Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.
- _____. **Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência**. Seleção de textos de Marilena Chauí; traduções de Marilena Chauí. [et al]. – 3ª Ed. – São Paulo; Abril Cultural, 1983. Os Pensadores.